

A Construção da Crônica Jornalística: Uma Análise da Rotina Criativa e Produtiva dos Cronistas Humberto Werneck, Juremir Machado da Silva e Viviane Bevilacqua¹

Daniela da SILVA²

Angélica LÜERSEN³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó, SC

RESUMO

A utilização de elementos literários e jornalísticos, para contar histórias reais e para ficcionalizar fatos, oferecem a crônica jornalística características e um formato de produção distinto, se comparado as notícias do jornal, tanto no processo que antecede a escrita, quanto no produto final. Em face disso, por meio da entrevista em profundidade com os cronistas Humberto Werneck, Juremir Machado da Silva e Viviane Bevilacqua buscamos identificar as aproximações e as singularidades contidas no processo criativo e produtivo da crônica. Compreender como ocorre a união das características literárias, da natureza opinativa e dos elementos factuais na produção do texto são os principais propósitos deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica Jornalística; Jornalismo Opinativo; Literatura; Rotina Produtiva.

O formato da crônica jornalística tem origem ligada as técnicas do jornalismo literário e da própria literatura. O estilo permite a utilização de figuras de linguagem, de jogar com as palavras, o uso de personagens fictícios, a subjetividade atrelada à crítica, o uso da primeira pessoa, bem como exige uma pesquisa eficiente, que possibilite o conhecimento acerca dos fatos narrados. Para Kovach e Rosenstiel (2003, p.226) a finalidade do jornalismo é construir contextos e informações para auxiliar as pessoas na compreensão do mundo. No decorrer desse caminho existem alguns desafios: o primeiro “é encontrar a informação que as pessoas precisam para tocar suas vidas. O segundo desafio é tornar essa informação significativa, relevante e envolvente”.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Bacharel em Jornalismo, e-mail: danidasilva@unochapeco.edu.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Unochapecó, e-mail: angelica.luersen@gmail.com.

Em face disso, a problemática desse estudo se conduz a compreender como ocorre a união da narrativa não ficcional, do gênero opinativo e do literário, na construção de uma crônica jornalística. Esses aspectos foram investigados por meio de entrevistas com três cronistas brasileiros, Humberto Werneck, Juremir Machado da Siva e Viviane Bevilacqua, explorando o processo de apuração e de produção do fazer jornalístico de cada um.

Melo (1992, p.82-83) acredita que devido a questões institucionais, empresariais, políticas e econômicas, a prática do jornalismo acabou se institucionalizando. No entanto, se tratando de seu desenvolvimento enquanto prática social, o interior do seu processo desde as fontes de produção até a impressão é cheio de irregularidades. Partindo dessa premissa, apesar da padronização que ocorreu através dos anos, podemos compreender cada experiência jornalística como singular.

Castro & Galeno (2002, p.10) vão além ao definirem o jornalista como um intérprete por natureza, e nesse sentido apenas através da compreensão das suas técnicas de interpretação no seio do seu exercício temos a possibilidade de interpretá-los. “O que significa dizer também que essa interpretação exige uma autocompreensão atenta e rigorosa dessas técnicas e desses intérpretes”. Dessa forma, Guaraciaba (1992, p.82) defende a necessidade de investigar como as informações jornalísticas são construídas, para ele a análise da prática jornalística que antecede a publicação das informações é o cerne de toda a indagação.

A maneira de vivenciar um fato vê-lo e descrevê-lo é diferente para cada jornalista, bem como os pormenores que envolvem o processo de reportar esses acontecimentos. Influências pessoais, mercadológicas, situacionais constituem causa e efeito na produção jornalística (GUIRADO, 2004, p.74). Por mais que os manuais de redação busquem estabelecer métodos e técnicas, dentro da rotina jornalística existem fatores subjetivos ligados ao repórter enquanto ser cultural, com experiências e ideologias, que singularizam sua prática.

Para investigarmos o interior desse meio profissional realizamos uma análise qualitativa. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista em profundidade e roteiro semi-estruturado: um recurso metodológico, no qual o investigador ancorado por teorias e pressupostos, define o roteiro das questões, na busca de respostas ligadas a experiências

subjetivas do sujeito a ser pesquisado (DUARTE, 2006, p.62). Metodologia esta que nos permitiu o debruçar na investigação do processo criativo/produutivo individual dos três cronistas. Stake (2011, p.41) explica que o pensamento qualitativo não possui uma única forma, ele é interpretativo, se baseia em experiências, é situacional e humanístico.

O jornalista fora das redações

Não apenas a crônica mas também a coluna, se comparada ao restante do jornal, oferece liberdade tanto no texto, quanto no seu processo, pois é uma seção especializada, com volume de informação em texto curto, com um estilo mais livre e pessoal. Além disso, pela característica ligada ao jornalismo opinativo, o perfil e o olhar do profissional está diretamente inserido na história. Guaraciaba (in MELO, 1992, p.86) ao debruçar-se sobre a análise da crônica como um dos gêneros opinativos no jornal Folha de São Paulo, conclui que ela é um gênero literário jornalístico, haja visto que “[...] não participa do ambiente do jornal; escapa ao processo de produção jornalística convencional; independe da formação profissional técnica; não obedece às determinações de tempo e de espaço típicas; foge às regras de interesse informativo convencionalmente estabelecido para os jornais.” Para a autora, a crônica “é jornalística apenas como oposição ao que hoje chamamos de jornalismo.” (GUARACIABA in MELO, 1992, p.86)

Na aproximação da rotina produtiva dos dois cronistas diários Juremir Machado da Silva e Viviane Bevilacqua, identificamos semelhanças que vão além da periodicidade de suas publicações. Ambos escrevem em horários e locais parecidos: Juremir do seu apartamento em Porto Alegre, escreve para o Correio do Povo sempre por volta das 09h30 e 11h30. O local é uma espécie de biblioteca, um escritório, com livros, acesso à internet, jornais e canais que ele utiliza para se informar. É desse local que ele envia seus textos para o editor-chefe. Viviane escreve de um cômodo que fica em seu apartamento em Florianópolis. Nesse espaço ela se reserva para produzir entre 10h e 12h, ali ela mantém uma estante repleta de livros, acesso à internet e aos principais meios de comunicação, jornais, redes sociais e sites.

A rotina de Viviane começa pela manhã, mas isto também está ligado a necessidade que ela tem de enviar seu texto até as 14h, no máximo às 15h, para o seu editor. Desde que

tornou-se colunista diária não precisa mais trabalhar na redação. Além de escrever, nesse horário a jornalista já inicia uma pesquisa para os próximos textos. Todo dia ela produz um texto para a coluna, que pode ser um artigo, um comentário ou uma crônica, e todas as segundas-feiras ela entrega a crônica para o caderno Donna da próxima semana. Dessa forma, a periodicidade da sua crônica é semanal. Viviane explica que pelo menos um dia da semana, no mínimo, ela busca escrever um texto com tema mais leve para ser crônica. No entanto, muitos textos feitos para a coluna que não precisam ser especificamente crônicas, na maioria das vezes acabam sendo.

No caso de Humberto Werneck que escreve semanalmente - aos domingos - para o jornal O Estado de São Paulo, também nos deparamos com algumas semelhanças. O escritor explica que com o passar do tempo percebeu que funciona melhor de manhã, bem cedo, muitas vezes no final da madrugada. Humberto também escreve de casa e limita-se a enviar o texto para seu editor por e-mail. Na verdade, todo o seu contato com ele é através da internet. O ambiente reservado para escrever é um escritório em sua casa em São Paulo. Contudo, durante os anos de profissão desenvolveu alguns hábitos para o processo de escrita dos seus textos, uma vez feita a primeira versão ele inicia um processo de lapidação, em que sente a necessidade de ler no papel e em outro ambiente “[...] imprimo e vou ler na sala, não mais no escritório, ou no parque, ou na ‘padoca’, de caneta em punho.” (WERNECK, 2015)

A última vez que Juremir escreveu em uma redação de jornal foi há 20 anos, em 1995, quando ainda trabalhava no Zero Hora. Atualmente, sua rotina de redação acontece no rádio. Entretanto, no que diz respeito ao processo de escrever, o escritório arquitetado em seu apartamento é o lugar preferido de criação para o jornalista. “Mantenho uma estrutura para mim, onde eu tenho todas as condições de trabalhar com tranquilidade, com paz, com tudo a mão. Para mim é mais fácil trabalhar assim, com toda a tranquilidade, em um ambiente que eu gosto, que eu montei. É perfeito assim” (SILVA, 2015).

Os dilemas em torno desse cenário no qual jornalistas trabalham em casa possui também outras nuances, relacionadas primeiro ao estilo da crônica e segundo ao próprio estágio pelo qual o jornalismo está passando no século XXI. As redações se transformam e os jornalistas trabalham cada vez mais online, adaptando-se a exercer multifunções, uma

mudança ligada aos novos formatos que a evolução tecnológica trouxe para a profissão e a busca de reduzir os gastos dentro das empresas jornalística. Viviane pontua o momento de demissões pelo qual a RBS passou nos últimos tempos, um fato irreverente para a imprensa: “A RBS sofreu um processo, está sofrendo. A imprensa em geral está sofrendo uma transformação. Hoje é muito mais mídia eletrônica, redes sociais, blogs, do que o jornalismo que a gente fazia de canetinha, bloco, viajar, entrevistar.” (BEVILACQUA, 2015)

No entanto, nos casos de Viviane, Humberto e Juremir, esta condição de escrever em domicílio está ligada as características do gênero opinativo e da crônica, que na maioria das vezes é escrita por colaboradores do jornal. Guaraciaba (1992, p.87), investiga a produção da crônica no jornal Folha de São Paulo, onde os cronistas atuam como prestadores de serviço, sem fazer parte do quadro de funcionários, como os jornalistas que atuam na redação. No caso dos cronistas aqui citados, eles são quadro permanente em seus jornais, contudo sua lógica de produção assemelha-se muito a essa adotada por colaboradores; normalmente não frequentam a sala de redação e apenas enviam seus textos. Especialmente no caso de Humberto, o escritor se apresenta como jornalista freelancer, mesmo contendo um espaço semanal reservado no Estadão.

Crônica: Linguagem coloquial e conversa com o leitor

O exercício do cronista de abordar assuntos nas mais corriqueiras situações e colocar-se na história oferece características únicas à crônica. Mesmo quando ela é diária, carrega o estilo de um relato mais solto, com linguagem coloquial e histórias comuns. Dessa forma, o jornalista acaba traduzindo algumas linguagens cifradas do mundo. Segundo Menezes (2002, p.165), a crônica “também se apropria da realidade do cotidiano, como o jornalismo factual, mas procura ir além e mostrar o que está por trás das aparências, o que o senso comum não vê (ou não quer ver).”

O gaúcho Juremir aborda temas densos e polêmicos em suas crônicas, todavia faz isso através de uma linguagem coloquial e conversada, muitas vezes, utilizando

personagens e histórias do cotidiano. Isso permite que ele estabeleça uma relação de proximidade com os seus leitores interessados na temática, mas que buscam diferentes abordagens e opiniões sobre a área. Piza (2002, p. 135) acredita que é importante existir algum teor autoral dentro do jornal “[...]porque, numa era em que há tantas fontes de informação a quente (TV, Internet, etc.) [...] a diferenciação da escrita é o que poderá manter a atenção.” Através do seu estilo textual Juremir acaba de fato estabelecendo contato com seus leitores, via redes sociais, e-mail, telefone, carta e, pessoalmente quando está andando pelas ruas de Porto Alegre.

O mesmo acontece com Viviane, mas em outra lógica, tendo em vista a natureza dos textos trabalhados pelos cronistas. A jornalista discute assuntos relacionados a economia familiar: o aumento do pão, a acessibilidade para a mãe idosa, o aumento do remédio na farmácia, o tempo perdido no trânsito de Florianópolis, a relação com o filho mais novo e etc. Por consequência, torna-se para os leitores uma amiga, uma irmã mais velha, as vezes uma filha. Por isso, acaba abrindo uma barreira, na qual as pessoas conseguem enxergar-se dentro do jornal. Percebendo esse espaço as pessoas enviam mensagens a ela, desabafando, contando histórias. Há uma pasta em seu computador somente com histórias que as pessoas mandam: “[...] gente que conta que apanha. Que o marido é alcoólatra. Que a mulher é isso e aquilo. Que o marido trai.” (BEVILACQUA, 2015).

Em algumas situações Viviane acaba se apropriando das histórias e as escreve em sua coluna. Quando se trata de casos de violência ou risco, a jornalista troca os nomes antes de transformar o relato em crônica. Nesse sentido, existem textos escritos sob o ângulo da jornalista, mas que pertencem a uma experiência do leitor. Menezes (2002, p.168) acredita que o leitor é um bem-vindo interlocutor da crônica e o cronista deve dividir tudo com ele “[...] há que seduzir o leitor, aproximar-se dele, tornar-se íntimo dele, transformar-se naquele cara que é procurado quando a pessoa enfrenta momento difíceis”.

Já Humberto carrega um tom literário, relacionado ao seu início na imprensa no Suplemento Literário de Minas e também pela sua convivência com jornalistas renomados na literatura como Carlos Drummond de Andrade e Murilo Rubião. Piva (2002, p.136) defende que “é preciso perder o medo de usar palavras menos óbvias, fugir ao lugar-comum, costurar melhor descrições e argumentos, acrescentar pitadas de humor, ironia e até lirismo, usar recursos como metáforas, trocadilhos e mudanças de andamento. É preciso diversificar os gêneros”. Aspectos adaptados por Humberto, que nem sempre busca tratar daquilo que é factual, mas sim procura oferecer ao leitor um bom palmo de prosa, uma conversa.

Encontramos elementos semelhantes nas crônicas de Mourão e Sabino, dois cronistas da página Ilustrada do jornal a Folha de S.Paulo, “que afastam-se completamente do noticiário, criando, através da auto-citação, a própria atualidade.”(GUARACIABA in MELO, 1992, p.88). Humberto revela que quando escreve “gostaria é de estar sentado com o leitor num meio-fio, numa relação de cordialidade e cumplicidade.” (WENERNECK, 2015)

Dentro das instituições jornalísticas presa-se a identificação do público para o qual se está escrevendo, em uma tentativa de aperfeiçoar o conteúdo do jornal. Humberto discorda dessa premissa e salienta que não gosta de “fulanizar” o leitor, desenhando um perfil, assim como acontece nas pesquisas dos veículos de comunicação. O conteúdo de suas crônicas se baseia nas suas aspirações e gostos pessoais, especificamente, ele escreve algo que gostaria de ler. “Estou certo de que, se escrever algo que eu próprio goste de ler, alguém mais gostará. (Pausa para ser apedrejado em várias redações e faculdades de jornalismo...)”(WERNECK, 2015).

A crônica como gênero opinativo

Dentro do gênero classificado como jornalismo opinativo (BELTRÃO, 1980), encontramos a crônica. No entanto, além da opinião do autor ela carrega peculiaridades de

sua linguagem, vindas de suas origens na literatura. Aspecto este, que a diferencia das matérias do restante do jornal.

A crônica permite uma interpretação subjetiva da realidade e, frequente, faculta ao seu autor a possibilidade de revelar seus ideais. [...] O autor da crônica termina geralmente com uma conclusão. A ironia, o humor ou a dureza do tema são formas geralmente escolhidas para arrematar uma crônica.. (LOPES, 1981, p.103)

Juremir, por exemplo utiliza muito um procedimento ao escrever, a autoironia, isso o coloca habitualmente no texto. Observamos o cronista também utilizar uma técnica do jornalismo, ouvir os dois lados. Juremir em algumas crônicas defende o que o governo de Fernando Henrique (PSD) fez pela estabilização da moeda com o plano real, mas lembra que isso não justifica a corrupção na gestão. As operações de combate a corrupção, Mensalão e Lavajato tem sido assuntos recorrentes em suas últimas crônicas. Traquina (2004, p.132) defende a importância do jornalista demonstrar independência no decorrer do seu texto. Para ele, essa autonomia “é indispensável para garantir outro valor essencial dos jornalistas: a credibilidade.”

Viviane também utiliza de um crivo jornalístico no momento em que decide tomar partido na sua crônica. Entendendo que cada um possui preferências e ideais, a jornalista busca não abarcar apenas um texto cheio de opiniões pessoais. Assim como Juremir, a técnica de ouvir os dois lados antes de dar o seu recorte para o tema também é utilizado pela jornalista. Um exemplo, é uma de suas crônicas na qual a jornalista fala sobre a maioria penal. No texto ela apresenta alguns pontos em que concorda e outros que discorda dentro da lei. No entanto, este cuidado em trazer a dualidade fica presente na maioria das crônicas sobre assuntos polêmicos, os quais a jornalista já declarou não possuir muito interesse.

Já no que diz respeito aos temas relacionados a área de educação, de comportamento, filhos, relacionamento e viagens, ou seja, as experiências, ela acaba demonstrando mais seu olhar pessoal, embasado pelas suas preferências. “E a verdade é que

eu não sou uma pessoa polêmica, eu sou super tranquila.”(BEVILACQUA, 2015). No entanto, Castro & Galeno (2002, p.150) esclarecem que o tratamento opinativo não está apenas ligado a assuntos polêmicos e sérios, em nuances cotidianas e corriqueiras o cronista também pode conter crítica social, onde existe o caráter opinativo.

Humberto, por outro lado, renega a crônica como um gênero opinativo. Para o jornalista o opinativo é o editorial, é a coluna especializada. Na criação da crônica ele aponta servir-se livremente de tudo que faça parte da sua experiência como pessoa e de escritor, dando origem a relatos que na maioria das vezes carregam sua visão de mundo, e consequentemente sua opinião. “É o palpite descompromissado do cronista, fazendo da notícia do jornal o seu ponto de partida, que dá ao leitor a dimensão sutil dos acontecimentos nem sempre revelada claramente pelos repórteres ou pelos articulistas” (MELO in CASTRO;GALENO, 2002, p.150).

Viviane e Humberto sentem-se livres para escrever sobre temas leves do cotidiano, sobre suas experiências e colocando-se nas histórias, opinando acerca das questões, todavia não enxergam isso como opinativo. No entanto, em ambas as situações, sejam assuntos triviais ou mais densos, os textos são carregados de opinião.

O uso da primeira pessoa: tornar-se personagem

Os gêneros opinativos de forma geral concedem ao jornalista o privilégio de envolver-se no texto, mas diferente das outras categorias, o cronista além de opinar tem a possibilidade de trabalhar o texto em primeira pessoa. Uma prática rara dentro do jornalismo, que carrega como premissa a imparcialidade e a neutralidade diante dos fatos. Na crônica é comum o jornalista tornar-se o personagem e interagir com a situação. Além disso, através da linguagem coloquial quando o autor aparece na história a conversa se efetiva, propiciando uma ligação entre o cronista e o leitor incomum aos outros gêneros. Na verdade, este é o gênero jornalístico que mais contatos tem com os gêneros literários

clássicos: “Os fatos são, portanto, um pretexto para o autor da crônica. A partir daí ele dá vazão aos seus sentimentos e, com absoluta legitimidade, pode entrar no domínio da ficção” (GALENO, 2002, p.108).

Em sua maioria, as crônicas de Viviane trazem histórias e momentos vividos diretamente por ela, em alguns casos traz histórias de pessoas ao seu redor, mas sempre dentro desse círculo conhecido. Característica que torna o uso da primeira pessoa habitual. Na crônica “Reforma em casa. Haja paciência...”, publicada em 16 de setembro de 2015, no caderno Donna, a jornalista relata algumas situações em seu apartamento e a dificuldade de escrever enquanto estão tirando todo o telhado de sua residência. Essa crônica rendeu a ela muitas mensagens enviadas por pessoas que se identificaram, compartilhando problemas de barulho, sujeira e demora durante obras.

Sato (2002, p.37) acredita que a “posição distanciada e superior do narrador realista, que projeta num mundo de ilusão, não é mais possível. Para dar conta da precariedade da situação humana num mundo complexo e caótico, em rápida transformação, é preciso afiar outros instrumentos, mobilizar novos recursos.” Ou seja, não há desperdício do rigor jornalístico ou no conteúdo do jornal, no momento em que o jornalista apropria-se de seu texto.

Quando fala sobre si mesmo o gaúcho Juremir costuma remeter-se ao passado. O jornalista nasceu na região da Campanha, entre a zona rural e a cidade. Nas suas crônicas carrega a nostalgia do garoto que vivia na campanha e conta as histórias que aconteciam em Palomas, um dos lugares mais recorrentes em suas crônicas. O jornalista busca elementos da sua lembrança e mescla com pontos de sua imaginação. Alguns personagens são ficcionalizados para contar histórias reais, muitas vezes, na busca de relembrar uma infância idealizada no seu imaginário.

Nesse sentido, Lima (1990, p. 86), acredita que a crônica é “hoje, o avesso do jornalismo, é seu lado crítico, libertário, inovador e humanizado o que vem sendo asfixiado

pelo império da técnica industrializada.” Ao passo que cria um labirinto de elementos sedutores para o leitor, sem entregar as informações de bandeja, mas ainda exercendo o dever de informar.

Da ficção para o factual: a criação de personagens

Dentro da crônica é comum encontrarmos figuras ou personagens como fio condutor para o desenrolar de um assunto. Eles podem interagir diretamente com o escritor em um diálogo ou ser o personagem principal do enredo. Uma estratégia pescada dos contos e romances literários, para sofisticar a forma como os assuntos são tratados dentro do jornalismo. “A ficção quando bem manejada oferece uma saudável irresponsabilidade.” (SILVA, 2002, p.116)

O gaúcho Juremir utiliza a criação de personagens como um recurso na maior parte das suas crônicas. Especialmente naquelas que se passam em Palomas, a cidade em que viveu sua infância. Um de seus personagens mais frequentes é o cego Borges. O personagem nasceu de uma junção entre as memórias de infância do jornalista e da sua bagagem de leitura e escrita já adulto. Quando criança morou em Palomas e lá as pessoas comentavam sobre um senhor cego que curiosamente gostava de ficar na beira da janela, escorado “observando” a rua. Já como estudante de ensino superior depara-se com as obras do escritor argentino Borges, que por sinal também era cego. Dessas duas experiências em momentos distintos da sua vida nasceu o Cego Borges de Palomas. O personagem é o cego que tudo vê. Através dele o escritor discute e ironiza temas polêmicos que, muitas vezes, as pessoas preferem não enxergar.

Humberto também busca nas suas memórias inspirações para construir seus personagens. No caso do jornalista mineiro, ele vai buscar nas reuniões de família e nas características de seus familiares inspiração para uma de suas personagens mais recorrentes. É a Solange, a prima que adora falar difícil. Além dela, o jornalista criou a Dona Alzira,

uma senhora com a qual o Humberto teve a oportunidade de conviver durante algum tempo. Antes mesmo de tornar-se cronista, as personagens já existiam.

Ambos os cronistas relacionam a criação de seus personagens, com temas que lhe causam saudosismo. Sato (2002, p.34) aponta que essa possibilidade de o cronista inventar incidentes e contar histórias “traz para as páginas do jornal um fazer literário por excelência que permite criar um outro real.” Como é o caso do Rio Grande do Sul para Juremir, suas lembranças guardadas da infância são revividas por seus personagens. Em alguns casos os personagens revisitam cenários marcantes para ele. Já Solange e sua mania de usar palavras diferentes e difíceis representa para Humberto algo que sempre o encantou ao longo de sua vida. Solange é a maneira que ele encontrou para escrever sobre a palavra. Nesse sentido, podemos observar de uma maneira direta a interferência das experiências e dos sentimentos dos autores presentes no texto, através de uma narrativa que se assemelha ao conto. Para Sato (2002, p.34) ao dar abrigo as emoções e a fatos inventados ou recuperados pela memória, a crônica captura o interesse do leitor, por meio de uma viagem prazerosa.

Viviane não possui um personagem que ela criou e recorre para tratar de determinados temas. O que acontece com frequência é a mudança de nomes para preservar as fontes que lhe enviam e-mails ou então a utilização de histórias de amigos e de familiares. A amiga que possui compulsão por comprar; aquela que vive para o marido e esquece de si mesmo.

Checagem da informação e busca por pautas

Piza (2002, p.156) salienta que a crônica perdeu um pouco do seu lirismo, comum a escrita da época de Rubem Braga e Carlos Drummond de Andrade. No entanto, José de Alencar em suas crônicas já começava a apresentar novos elementos como a abordagem de assuntos envolvendo questões políticas e sociais.

Nas crônicas de Humberto, é difícil encontrarmos textos sem a leveza e o tom bem-humorado. No entanto, em alguns episódios ligados a pessoas que defendiam o

período do regime militar o escritor Humberto deixa fluir a indignação e o sentimento de um jovem que viveu diretamente as influências e o cerceamento da liberdade durante esse período. Ele traz como exemplo a sua estadia na prisão política em 1966, e utiliza a irônia para contrapor as ideias de quem defende a ditadura.

Ao se tratar de Juremir, abordar temas polêmicos ou com tom mais pesado é algo comum. A linguagem crítica e irônica é sempre acompanhada de temas em pauta na sociedade, principalmente nas áreas da política. O jornalista busca ir sempre na contramão, a exemplo da legalização do porte de drogas, que está em votação no Supremo Tribunal Federal. Estes são assuntos que geram bastante polêmica e são os mais tratados pelo jornalista gaúcho.

Para Araújo (2002, p.90), o jornalismo deve beber dessas características consideradas literárias, para educar o leitor semimorto⁴, abandonado a própria sorte pela indústria da informação: “Porque as palavras nos servem para conceber, comunicar, pôr em comum, ideias mas também impressões; para provocar sentimentos, despertar interesse, sugerir reflexões, refletir sobre todas as coisas[...]”. Haja visto que o jornalismo não é apenas descritivo, os fatos devem ser escritos, compreendidos e interpretados, com o uso da sensibilidade. Assim, Juremir trata de temas em discussão atualmente, mas por um enfoque nunca trabalhado, apresentando opinião e crítica, na medida que desenrola a história.

Em alguns de seus textos Viviane também foge da leveza do cotidiano para falar de assuntos considerados mais sérios relacionados a questões familiares. As principais bandeiras levantadas pela cronista são: em defesa dos homossexuais e contra a violência doméstica. Muitos jovens e mulheres acompanham seus textos e desabafam com ela enviando suas histórias. Na coluna a jornalista traz esses relatos com nomes fictícios ou através de outra angulação.

⁴ Semimorto, é o termo utilizado por Araújo (2002, p.87), referindo-se aos leitores que querem ler notícias claras e objetivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as entrevistas descobrimos que os três cronistas escrevem de suas casas, eventualidade que contribuiu para nos aprofundarmos em uma rotina produtiva e criativa incomum, que acontece em um espaço construído por eles, onde sentem-se a vontade para escrever. Uma questão ligada também a liberdade que eles possuem na escolha dos temas e na abordagem dos seus assuntos. Começam aí as comparações entre o escritor de romances e o escritor dos fatos. Além disso, elementos como a humanização dos relatos, através da linguagem coloquial, são apontados pelos cronistas como aspectos que os aproximam de seus leitores, permitindo a existência de um contato direto entre eles que ocorre via internet e muitas vezes pessoalmente. Esta proximidade também aparece quando o cronista compartilha suas experiências com o leitor, abrindo uma barreira para que ele compartilhe também suas histórias. Estes elementos aparecem em comum nos três cronistas, contudo seus desdobramentos possuem características particulares.

Compreendemos que as técnicas do jornalismo utilizadas para a produção da crônica, como a entrevista a fontes e a escrita do texto, por exemplo, são diferentes daquelas empregadas na apuração de reportagens. O jornalista atua mais como um observador, em alguns casos, mantendo em segredo a sua posição na imprensa para esgotar-se das histórias que ouve ou dos assuntos que desenvolve com a fonte. Manter uma conversa trivial, iniciar um diálogo com um estranho, muitas vezes, descompromissados durante o dia-a-dia, são as técnicas de entrevista do cronista. Uma segunda espécie de entrevista também ocorre: é a entrevista do cronista com ele mesmo, na qual ele busca em suas experiências conexões com os temas que deseja abordar. Os três cronistas estudados apresentam esta característica. Suas histórias de vida culminam no desenvolvimento de um tema, polêmico ou não, que pode se tornar interessante para o leitor.

O jornalismo e a literatura dividem espaço dentro da crônica. Uma vez que vale-se dos acontecimentos do dia-a-dia e das histórias de gente comum para compor o jornal, mas o faz por meio de uma linguagem coloquial e descrições ricas que chamam a atenção do leitor. A união do jornalismo e da literatura, dá origem a um texto com personalidade no que diz respeito ao uso da opinião, e originalidade no que tange o uso da imaginação no

recorte dado para o tema. Aspectos atribuídos as características singulares do processo criativo e produtivo da crônica, e possíveis de serem observados no seu resultado final.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Carlos Magno. **Amor à palavra**. In: *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinitivo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BEVILACQUA, Viviane. Florianópolis, 24 set. 2015.
- CASTRO, Gustavo de & GALENO, Alex (Org). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- CÂNDIDO, Antonio. **A crônica: O gênero e suas transformações no Brasil**. São Paulo, Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, c2005. 380 p.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole 2004.
- MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MELO, José Marques de & ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UESP, 2010.
- MELO, José Marques de (org). **Gêneros jornalísticos na Folha de S.Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.
- MELO, José Marque de. **A crônica**. In: *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- MENEZES, Rogério. **Relações entre a crônica, o romance e o jornalismo**. In: *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- PEIXOTO, Carlos. **Seis propostas para o próximo jornalismo**. In: *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- PIZA, Daniel. **Jornalismo e literatura: dois gêneros separados pela mesma língua**. In: *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- SATO, Nanami. **Jornalismo, literatura e representação**. In: *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- SILVA, Deonísio. **Imprensa e literatura**. In: *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- SILVA, Juremir Machado da. Porto Alegre, 25 ago. 2015.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2012.
- WERNECK, Humberto. São Paulo, 10 set. 2015.